

O jogo perigoso da política

Os candidatos, os pré-candidatos ou simples aspirantes à Presidência da República, em 1998, devem preparar-se para o pior. A campanha eleitoral nem começou, mas três deles já foram alvejados por acusações embaraçosas: o petista Luís Inácio Lula da Silva, o ex-prefeito Paulo Maluf, do PPB, e o ex-ministro Ciro Gomes, do PSP. Todos se assustaram e entre eles há quem comece a pensar em desistir de candidatar-se à Presidência, antes que sua honorabilidade seja atingida por qualquer tipo de suspeita. É o jogo pesado e nada limpo da política. Pode-se achar que, no fundo, ele tem algo de positivo, pois afasta da competição eleitoral candidatos de vida pregressa reprovável. Não é bem assim. Pode afastar alguns, mas poupa os jogadores desse tipo de jogo, que deviam, eles sim, ser banidos para sempre da cena política.

As acusações que essa gente costuma fazer nem sempre são procedentes, mas, ainda assim, maculam a vida dos atingidos, irremediavelmente, expondo-os, e aos seus familiares, a dissabores que persistem além das eleições. Afinal, continua a valer, em política, o

conselho cínico de Beaumarchais: "Caluniai, caluniai, alguma coisa sempre fica".

Como Lula, Maluf e Ciro são candidatos de oposição ao governo Fernando Henrique Cardoso — o primeiro presidente brasileiro beneficiado pelo direito de ser candidato à reeleição, e sem ter de licenciar-se de seu cargo —, suspeitam os amigos das vítimas das acusações que exista, em algum setor governamental, um centro de produção de denúncias e manobras para aplainar o caminho de FHC rumo à reeleição. Talvez essa versão também não passe de calúnia, apesar de uma coincidência intrigante: coisa alguma do que se fez até agora ajudou a aperfeiçoar o processo democrático e tudo só buscou reduzir o leque de opções eleitorais.

A característica de tais manobras é a preocupação em minar o terreno dos adversários políticos do presidente. Uma das últimas nasceu no Palácio do Planalto e conseguiu, com êxito, mudar a posição de certo dirigente regional do PMDB, engajando-o no apoio do partido à recandidatura de FHC, embora em todos os estados

as bases peemedebistas queiram o lançamento da candidatura presidencial própria. Num deles, Tocantins, até os deputados estaduais identificados com a militância apóiam essa tese, mas um ministro de FHC promete pô-los na linha auxiliar da aliança PSDB-PFL. É incrível que políticos se digam democratas e atuem para destruir o próprio partido!

Mas vamos da comédia *O Barbeiro de Sevilha* às tragédias cotidianas do país em que a pior, hoje, é dar mais valor aos papéis e juros da dívida pública do que ao papel doloroso dos milhões de excluídos em razão da dívida social. Outra tragédia é a que faz jus à advertência do velho senador americano Henry Clay, que foi oposição e governo, várias vezes, e sabe o que fala. Diz respeito às artes do poder e da política: "A gente miúda que as pratica vive de escolher vítimas e de excitar, contra elas, o ódio público". Mas isso não é política. É uma forma de alguns tentarem existir na vida pública de um país, até serem dela afastados, antes que as sementes ruins plantadas por eles germinem perigosamente.